

A IRMÃ DA
TEMPESTADE



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

LUCINDA
RILEY

A IRMÃ DA
TEMPESTADE



ARQUEIRO

Título original: *The Storm Sister*

Copyright © Lucinda Riley, 2015
Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Fernanda Abreu
preparo de originais: Rafaella Lemos
revisão: Clarissa Peixoto e Raphani Margiotta
projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira
capa: Raul Fernandes
imagem de capa: Yolande de Kort/ Trevillion Images
impressão e acabamento: Lis Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R43i Riley, Lucinda
A irmã da tempestade: a história de Ally/Lucinda Riley; tradução de Fernanda Abreu. São Paulo: Arqueiro, 2015.
528 p.; 16x23 cm. (As sete irmãs; 2)

Tradução de: The storm sister
Sequência de: As sete irmãs
ISBN 978-85-8041-477-6

1. Ficção irlandesa. I. Abreu, Fernanda.
II. Título. III. Série.

15-26859

CDD 828.99153
CDU 821.111(415)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

PARA SUSAN MOSS,
MINHA IRMÃ “DE ALMA”.

*“Todos estamos deitados na sarjeta, só que alguns
estão olhando para as estrelas.”*

OSCAR WILDE



Personagens

ATLANTIS

Pa Salt – *pai adotivo das irmãs*

Marina (Ma) – *tutora das irmãs*

Claudia – *governanta de Atlantis*

Georg Hoffman – *advogado de Pa Salt*

Christian – *capitão da lancha da família*

AS IRMÃS D'APLIÈSE

Maia

Ally (Alcíone)

Estrela (Asterope)

Ceci (Celeno)

Tiggy (Taígeta)

Electra

Mérove (desaparecida)

Ally

Junho de 2007

Mar Egeu

Sempre vou lembrar exatamente onde me encontrava e o que estava fazendo quando recebi a notícia de que meu pai havia morrido.

Estava deitada ao sol no convés do *Netuno*, nua, com a mão de Theo pousada sobre minha barriga em um gesto protetor. A curva deserta na praia dourada da ilha à nossa frente cintilava ao sol, aninhada em sua enseada rochosa. A água azul-turquesa, transparente como cristal, fazia preguiçosas tentativas de formar ondas ao bater na areia, que se desfaziam em uma espuma elegante como a de um cappuccino.

Calmaria, pensei. Tanto no mar quanto dentro de mim.

Tínhamos deitado âncora na pequena baía da minúscula ilha grega de Macheres no pôr do sol do dia anterior, depois havíamos caminhado com dificuldade pela água até a praia, levando dois *coolers*, um repleto dos salmónetes e sardinhas frescas que Theo havia pescado mais cedo, e o outro cheio de vinho e água. Pousei meu *cooler* na areia, ofegante por causa do esforço, e Theo beijou meu nariz com delicadeza.

– Somos dois náufragos em nossa própria ilha deserta – declarou, abrindo bem os braços para abarcar aquele cenário de sonho. – Agora vou procurar lenha para assarmos os peixes.

Fiquei observando Theo me dar as costas e sair caminhando em direção às pedras, que formavam uma meia-lua ao redor da enseada na direção dos arbustos muito secos e espaçados que brotavam nas fendas. Theo era magro, porém seu porte físico não fazia jus à sua força de velejador de alto nível. Em comparação com meus outros companheiros de competições de vela, que eram montanhas de músculos com peitorais de Tarzã, ele chegava a ser diminuto. Uma das primeiras coisas que eu reparara nele era seu andar

um pouco irregular. Então, certa vez, ele me contou que tinha quebrado o tornozelo ao cair de uma árvore quando era pequeno e que a fratura nunca tinha calcificado direito.

– Acho que esse é mais um motivo para o meu destino sempre ter sido viver no mar. Quando estou velejando, ninguém percebe quão ridículo eu sou andando em terra firme – dissera ele, rindo.

Assamos o peixe e, mais tarde, fizemos amor sob as estrelas. A manhã seguinte seria a última que passaríamos juntos no veleiro. Logo antes de concluir que não podia mais adiar a hora de retomar o contato com o mundo exterior e decidir ligar o celular para descobrir que minha vida tinha se estilhaçado em mil pedaços, passei um tempo ali, deitada ao seu lado, perfeitamente em paz. E me pus a recordar, como num sonho surreal, o milagre de nós dois e de como acabáramos indo parar juntos naquele lugar lindo...



Fazia mais ou menos um ano desde que eu tinha visto Theo pela primeira vez, na Regata Heineken, em St. Maarten, no Caribe. A tripulação vencedora estava comemorando no jantar dos campeões, e eu ficara intrigada ao saber que o comandante era Theo Falys-Kings. Theo era famoso no mundo da vela e, nos cinco anos anteriores, havia conduzido mais tripulações à vitória do que qualquer outro capitão.

– Ele não é nem um pouco como eu o imaginava – comentei em voz baixa com Rob Bellamy, um velho companheiro de tripulação com quem eu já tinha velejado na equipe nacional da Suíça. – Parece mais um *nerd* com esses oculinhos de armação grossa – arrematei.

Theo se levantou e foi até outra mesa.

– E ele anda de um jeito bem esquisito.

– Não é mesmo o típico velejador fortão – concordou Rob. – Mas, Al, o cara é um gênio. Tem um sexto sentido quando se trata do mar, e não confiaria em ninguém mais do que nele para ser meu capitão em mares revoltos.

Mais tarde nessa mesma noite, Rob me apresentou rapidamente a Theo, e reparei que seus olhos verdes entremeados de castanho-claro adotaram uma expressão pensativa quando ele apertou minha mão.

– Quer dizer que você é a famosa Al D’Aplièse.

Com seu sotaque britânico, a voz era calorosa e firme.

– A resposta para a última parte da sua pergunta é sim – falei, encabulada com o elogio. – Mas acho que o famoso aqui é *você* . – Fazendo o possível para não deixar meus olhos vacilarem diante daquele olhar insistente, vi os traços de seu rosto se suavizarem, e ele deu uma risadinha.

– Qual é a graça? – perguntei.

– Para ser sincero, você não é como eu imaginava.

– Como assim?

Mas a atenção de Theo foi atraída por um fotógrafo que pediu uma pose do grupo, então não cheguei a ouvir o que ele queria dizer.

Depois disso, comecei a notar sua presença em diversos eventos sociais ligados às regatas das quais participávamos. Theo tinha uma qualidade indefinível, uma vibração, além de uma risada fácil e suave que, apesar de sua postura aparentemente reservada, parecia atrair as pessoas. Se o evento fosse formal, ele quase sempre aparecia de calça social e blazer de linho amarfanhado em respeito ao protocolo e aos patrocinadores da competição, mas os sapatos surrados e os cabelos castanhos despenteados sempre o deixavam com cara de quem tinha acabado de sair do barco.

Nesses primeiros encontros, foi como se estivéssemos em uma dança nossa. Nossos olhares se cruzavam com frequência, mas ele nunca tentou dar continuidade àquela nossa primeira conversa. Foi só há um mês e meio, depois de a minha equipe vencer em Antígua, quando estávamos comemorando no Baile de Lorde Nelson, último evento da semana de competições, que ele se aproximou para me dar um tapinha no ombro.

– Parabéns, Al.

– Obrigada – respondi, satisfeita com o fato de a nossa equipe ter derrotado a dele, o que era raro.

– Tenho ouvido muita coisa boa sobre você nesta temporada. Quer fazer parte da minha equipe na Regata das Cíclades, em junho?

Eu já tinha recebido uma proposta para participar de outra equipe, mas ainda não havia aceitado. Theo percebeu minha hesitação.

– Você já está comprometida?

– É, estou. Provisoriamente.

– Bom, este é o meu cartão. Pense um pouco e me avise até o fim da semana. Seria muito útil ter alguém como você a bordo.

– Obrigada – agradei, tentando afastar da mente a minha própria hesitação. Quem, em sã consciência, recusaria um convite para trabalhar com

o cara atualmente conhecido como “Rei dos Mares”? Quando ele começou a se afastar, chamei-o: – A propósito, da última vez que a gente conversou, por que você falou que eu não era como você imaginava?

Ele parou e me deu uma conferida rápida com o olhar.

– Eu nunca tinha encontrado você pessoalmente; só tinha ouvido pedaços de conversas sobre a sua habilidade com a vela. Enfim... Você não é como eu imaginava. Boa noite, Al.

Fiquei remoendo essa conversa enquanto voltava para o meu quarto numa pequena pousada próxima ao porto de St. John, deixando o ar da noite me refrescar e imaginando por que Theo me fascinava tanto. Os postes conferiam às alegres fachadas multicoloridas da rua um cálido brilho noturno, e o burburinho preguiçoso das pessoas em bares e cafés fluía de longe na minha direção. Mas eu não prestei atenção em nada disso, de tão animada que estava com a vitória... e com a proposta de Theo Falys-King.

Assim que entrei no quarto, fui direto para o laptop e escrevi um e-mail para ele aceitando o convite. Antes de mandar o e-mail, tomei uma chuva-rada, depois reli o texto e enrubesci ao constatar que parecia empolgada demais. Decidi guardá-lo na pasta de rascunhos e enviá-lo dali a um ou dois dias, então me estiquei na cama e flexionei os braços para aliviar a tensão e as dores provocadas pela regata mais cedo.

– Bom, Al – murmurei comigo mesma com um sorriso. – *Essa, sim*, vai ser uma regata interessante.

Mandei o e-mail conforme o planejado, e Theo me respondeu na mesma hora dizendo que estava contente por eu ter decidido entrar para a sua equipe. Então, há apenas duas semanas, foi com um nervosismo inexplicável que coloquei os pés a bordo do iate Hanse 540 preparado para a competição no porto de Naxos, onde começaria o treinamento para a Regata das Cíclades.

A regata não exigia muito em termos competitivos, pois os participantes eram um misto de velejadores sérios e entusiastas de fim de semana, todos animados com a perspectiva de passar uma semana velejando em um cenário incrível, em meio a algumas das ilhas mais bonitas do mundo. Como éramos uma das tripulações mais experientes da competição, eu sabia que tínhamos fortes chances de vencer.

As tripulações de Theo eram conhecidas por serem sempre muito jovens. Meu amigo Rob Bellamy e eu éramos os mais velhos e experientes. Eu ouvira dizer que Theo preferia recrutar os talentos da vela bem no início da carreira,

a fim de evitar maus hábitos. Guy, um inglês fortão, Tim, um australiano despreocupado e Mick, um velejador meio alemão, meio grego, que conhecia as águas do Egeu como a palma da mão, completavam a tripulação de seis pessoas.

Embora empolgada com a oportunidade de trabalhar com Theo, eu não estava às cegas. Tinha me esforçado para reunir o máximo de informações, nas minhas pesquisas na internet e com gente que já havia trabalhado com ele, sobre o enigma conhecido como “Rei dos Mares”.

Descobri que Theo era britânico e havia estudado em Oxford, o que explicava o sotaque, mas na internet seu perfil dizia que ele era um cidadão americano e que tinha conduzido o time universitário de Yale muitas vezes à vitória. Um amigo ouvira dizer que ele vinha de uma família rica, outro, que ele morava em um barco.

“Perfeccionista”... “Controlador”... “Difícil de agradar”... “Workaholic”... “Misógino”... Esses foram alguns dos outros comentários que eu havia reunido – o último deles da boca de uma companheira velejadora que alegava ter sido colocada de lado e maltratada em uma tripulação de Theo, afirmação que me deu o que pensar. Mas a maioria esmagadora das opiniões dizia a mesma coisa: “Sem qualquer sombra de dúvida, o melhor capitão com quem já trabalhei.”

Nesse primeiro dia a bordo, comecei a entender por que Theo era tão respeitado por seus pares. Eu estava acostumada com capitães que viviam aos gritos, berrando comandos e xingamentos para todo lado, feito um chef de cozinha mal-humorado. O estilo discreto de Theo foi uma revelação para mim. Ele falava muito pouco ao nos mandar executar nossas funções e ficava só observando a certa distância. No fim do dia, reunia todo mundo e, com sua voz calma e firme, assinalava os pontos fortes e fracos de cada um. Percebi que ele não deixava passar nada, e seu ar natural de autoridade nos fazia prestar atenção em cada palavra que dizia.

– Falando nisso, Guy, não quero mais saber dessas escapadinhas para fumar durante os treinos em condições de regata – completou ele, com um meio sorriso antes de nos dispensar.

Guy ficou com o rosto vermelho, até a raiz dos cabelos louros.

– Esse cara deve ter olhos na nuca – resmungou ele comigo um pouco depois, enquanto desembarcávamos para tomar banho e trocar de roupa antes do jantar.

Nessa primeira noite, saí da pensão com o resto da tripulação feliz por ter decidido competir com eles. Passeamos pelo porto de Naxos, com seu antigo castelo de pedra iluminado acima da cidade e um labirinto de ruazinhas sinuosas que serpenteiam entre as casas caiadas de branco. Os restaurantes do porto estavam lotados de velejadores e turistas que saboreavam frutos do mar e faziam brindes com *ouzo*. Achamos um pequeno restaurante familiar em uma rua afastada, com cadeiras de madeira bambas e louça que não combinava. A comida caseira era bem o que precisávamos após o longo dia no iate. A maresia nos deixara famintos.

Minha fome evidente atraiu os olhares de alguns homens enquanto eu devorava a *moussaka* e generosas porções de arroz.

– O que foi? Nunca viram uma mulher comer? – comentei, sarcástica, enquanto me inclinava para pegar mais um pedaço de pão sírio.

Theo entrou na brincadeira fazendo uma ou outra observação sagaz, mas foi embora logo depois do jantar. Ele preferia não participar da noitada pós-refeição pelos bares do porto. Pouco depois, segui seu exemplo. Durante meus anos como velejadora profissional, já havia aprendido que o comportamento dos rapazes após o anoitecer não era algo que eu gostaria de testemunhar.

Nos dias que se seguiram, sob os olhos verdes atentos de Theo, começamos a nos entrosar, e logo nos tornamos uma equipe fluida e eficiente. Minha admiração por seus métodos aumentou depressa. Na terceira noite em Naxos, particularmente cansada depois de um dia extenuante sob o sol inclemente do mar Egeu, fui a primeira a me levantar da mesa do jantar.

– Certo, rapazes. Vou me recolher.

– Eu também. Boa noite, rapaziada. Sem ressaca a bordo amanhã, por favor – disse Theo, acompanhando-me para fora do restaurante. – Posso ir com você? – perguntou ele ao me alcançar na rua.

– Pode, claro – concordei, subitamente tensa por estarmos sozinhos pela primeira vez.

Caminhamos de volta até a pensão pelas ruas estreitas de paralelepípedos; o luar iluminava as casinhas brancas com suas portas pintadas de azul e janelas com venezianas de ambos os lados. Fiz o que pude para puxar conversa, mas Theo dizia apenas um ou outro “sim” ou “não”, e suas respostas taciturnas começaram a me irritar.

Quando chegamos à recepção da pequena pensão, ele de repente se virou para mim e disse:

– Você tem mesmo um instinto de velejadora, Al. Dá um banho na maioria dos seus companheiros de tripulação. Quem ensinou você a velejar?

– Meu pai – respondi, surpresa com o elogio. – Ele me leva para velejar no lago Léman, em Genebra, desde que eu era muito pequena.

– Ah, Genebra. Está explicado o sotaque francês.

Preparei-me para o comentário típico “diga alguma coisa sexy em francês” que os homens em geral faziam nessa hora, mas ele não fez.

– Bom, seu pai deve ser um velejador e tanto... ele fez um trabalho excelente.

– Obrigada – agradei, desarmada.

– O que você acha de ser a única mulher a bordo? Embora eu tenha certeza de que essa não é a primeira vez... – emendou ele depressa.

– Sinceramente, eu nem penso nesse assunto.

Ele me encarou com um olhar observador através dos óculos com aros grossos.

– Ah, não? Bom, desculpe dizer, mas eu acho que pensa, sim. Eu sinto que às vezes você exagera tentando compensar esse fato, e é nessas horas que comete erros. Sugiro que relaxe mais e tente ser você mesma. Enfim, boa noite.

– Ele abriu um breve sorriso, então subiu a escada de lajotas brancas que conduzia a seu quarto.

Nessa noite, deitada na cama estreita, senti os lençóis brancos engomados pinicando minha pele e as bochechas ardendo com a crítica de Theo. Por acaso era culpa *minha* se a presença de mulheres a bordo de embarcações de competição profissionais ainda era uma relativa raridade – ou uma novidade, como diriam sem dúvida alguns dos meus colegas homens? E quem Theo Falys-Kings pensava que era? Alguma espécie de psicólogo pop, que saía por aí analisando gente que não precisava de análise?

Eu sempre havia pensado que sabia lidar bem com aquela coisa de “ser mulher em um mundo dominado pelos homens” e conseguia levar na boa os comentários brincalhões e as indiretas sobre minha condição feminina. Havia construído um muro impenetrável no universo profissional e tinha duas personalidades distintas: em casa era “Ally” e, no trabalho, era “Al”. Sim, muitas vezes era difícil, e eu tinha aprendido a segurar a língua, sobretudo quando os comentários eram de natureza obviamente sexista e faziam

alusão ao meu suposto comportamento “de loura”. Sempre fiz questão de evitar esse tipo de comentário mantendo meus cachos louros com reflexos ruivos longe do rosto e presos em um firme rabo de cavalo e não usando um pingo sequer de maquiagem para realçar os olhos ou esconder as sardas. Para completar, eu dava duro igualzinho a qualquer um dos marmanjos a bordo – e talvez mais ainda, pensei com irritação.

Ainda indignada, sem conseguir pegar no sono, lembrei do meu pai me dizendo que grande parte da irritação que as pessoas sentem em relação a comentários pessoais em geral se deve ao fato de existir neles um tiquinho de verdade. À medida que as horas foram passando, tive que reconhecer que Theo provavelmente tinha razão. Eu não estava sendo “eu mesma”.

Na noite seguinte, ele tornou a me acompanhar até a pensão. Embora não fosse fisicamente grande, eu o achava muito intimidador, e me peguei gaguejando e tropeçando nas palavras. Sem dizer nada, ele escutou enquanto eu me esforçava para explicar minha dupla personalidade.

– Bom, meu pai... cuja opinião em geral não considero justa, um dia me disse que, se as mulheres usassem os próprios pontos fortes em vez de ficarem tentando ser como os homens, elas mandariam no mundo. Talvez você devesse tentar fazer isso – comentou ele.

– Sendo homem, é fácil falar, mas o seu pai por acaso já trabalhou em um ambiente totalmente dominado por mulheres? E, se tivesse trabalhado, será que teria sido “ele mesmo”? – rebati, irritada por ser tratada com aquela condescendência.

– Esse é um bom argumento – concordou Theo. – Bem, pelo menos talvez ajude um pouco se eu chamá-la de “Ally”. Combina mais com você do que “Al”. Você se importa?

Antes de eu ter a chance de responder, ele parou abruptamente no cais do pitoresco porto, onde pequenas embarcações de pesca balançavam suavemente entre iates e lanchas maiores, com os ruídos tranquilizadores de um mar calmo a bater em seus cascos. Vi-o erguer os olhos para o céu e inflar visivelmente as narinas para farejar o ar e tentar descobrir que tipo de clima o dia seguinte traria. Era algo que eu só tinha visto velejadores mais velhos fazerem, e dei uma risadinha ao imaginar Theo como um lobo do mar idoso e desgrenhado.

Ele se virou para mim com um sorriso intrigado.

– Qual é a graça?

– Nenhuma – respondi. – E, se você preferir, fique à vontade para me chamar de Ally.

– Obrigado. Agora vamos dormir um pouco. Programei um dia pesado para a gente amanhã.

Nessa noite, assim como na anterior, perdi o sono lembrando nossa conversa. Logo *eu*, que em geral dormia feito uma pedra, sobretudo quando estava treinando ou competindo.

E os conselhos de Theo tiveram um efeito contrário. Nos dias que se seguiram, cometi vários errinhos bobos que me fizeram sentir mais uma novata do que a profissional que eu de fato era. Repreendi-me com severidade, mas, por ironia e apesar das provocações bem-humoradas dos colegas, Theo não fez crítica nenhuma.

Na nossa quinta noite, muito constrangida e confusa com o nível médio-re da minha performance, nada característico de mim, nem sequer jantei com o resto da tripulação. Em vez disso, fiquei sentada na varandinha da pensão e comi pão, queijo *feta* e azeitonas que a simpática proprietária havia providenciado para mim. Afoguei as mágoas no vinho tinto forte que ela me serviu e, depois de várias taças, comecei a ficar tonta e sentir pena de mim mesma. Estava cambaleando trôpega, levantando da mesa para ir para a cama, quando Theo apareceu na varanda.

– Está tudo bem? – perguntou ele, ajeitando os óculos mais para cima do nariz para me enxergar melhor.

Olhei para ele estreitando os olhos, mas sua silhueta havia se transformado em um borrão inexplicável.

– Tudo – respondi, com a voz arrastada, e voltei a me sentar depressa quando tudo em que tentava focar os olhos começou a rodar.

– Ficamos preocupados por você não aparecer hoje. Não está doente, está?

– Não – respondi, sentindo o gosto amargo da bile subir pela garganta.

– Está tudo bem.

– Se estiver doente, pode me contar, tá? Não vou usar isso contra você. Posso me sentar?

Não respondi. Na verdade, constatei que não conseguia falar, dado o esforço que estava fazendo para controlar minhas náuseas. Mesmo assim, ele se sentou na cadeira de plástico do outro lado da mesa.

– Qual é o problema, então?

– Nenhum – consegui dizer.

– Ally, você está com uma aparência terrível. Tem certeza de que não está passando mal?

– Eu... com licença.

Dizendo isso, levantei-me aos tropeços e mal consegui chegar até a beirada da varanda antes de vomitar por cima do guarda-corpo na calçada do outro lado.

– Coitadinha. – Senti duas mãos me segurarem com firmeza pela cintura. – É óbvio que você não está nada bem. Vou ajudá-la a ir para o quarto. Qual é o número?

– Eu estou... estou muito bem – balbuciei como uma boba, totalmente horrorizada com o que acabara de acontecer.

E logo na frente de Theo Falys-Kings, um homem que, por algum motivo, eu estava desesperadamente tentando impressionar. No fim das contas, a situação não poderia ter sido pior.

– Vamos lá.

Ele passou meu braço inerte por cima do próprio ombro e meio que me carregou para fora da varanda enquanto os outros hóspedes nos olhavam com repulsa.

Quando cheguei ao quarto, ainda vomitei mais algumas vezes, mas pelo menos foi na privada. A cada vez que eu saía do banheiro, Theo estava à minha espera, pronto para me ajudar a me deitar de novo.

– É sério – grunhi. – Amanhã de manhã vou estar bem, juro.

– Faz duas horas que você está dizendo isso entre uma vomitada e outra – retrucou ele, pragmático, enquanto limpava o suor pegajoso da minha testa com uma toalha umedecida em água fria.

– Vá dormir, Theo – murmurei, grogue. – Eu já estou bem, sério mesmo. Só preciso dormir.

– Daqui a pouco eu vou.

– Obrigada por cuidar de mim – murmurei ao mesmo tempo que meus olhos começavam a fechar.

– Não tem de quê, Ally.

Então, enquanto eu pairava num mundo intermediário, naqueles poucos segundos antes de pegar no sono, nem lá nem cá, sorri.

– Eu acho que amo você – ouvi-me dizer, e então apaguei.

No dia seguinte, acordei um pouco trêmula, mas me sentindo melhor. Ao sair da cama, tropecei em Theo, que havia pegado um travesseiro extra

e estava encolhido no chão, ferrado no sono. Fechei a porta do banheiro, deixei-me cair sentada na borda da banheira e recordei as palavras que havia pensado na noite anterior... ai, meu Deus! Será que eu chegara a *dizê-las*?

Eu acho que amo você...

De onde tinha saído aquilo, pelo amor de Deus? Ou será que tinha sido um sonho? Afinal de contas, estava passando muito mal e poderia ter delirado. *Meu Deus, tomara*, grunhi para mim mesma, segurando a cabeça entre as mãos. Mas... se eu não tivesse dito nada, como conseguia me lembrar daquelas palavras de um modo tão vívido? Era ridículo, claro, mas agora Theo talvez pensasse que eu estava falando sério. E eu não estava... ou será que estava?

Algum tempo depois, saí do banheiro toda encabulada e vi que ele estava indo embora. Não consegui encará-lo nos olhos quando me disse que iria até o quarto dele tomar uma chuveirada e voltaria para me buscar dali a dez minutos, para irmos tomar café da manhã.

– Sério, Theo, pode ir. Não quero arriscar.

– Ally, você precisa pôr alguma coisa para dentro. Se não conseguir manter a comida no estômago por uma hora depois de comer, infelizmente estará banida do veleiro até conseguir. Você conhece as regras.

– Tá bom – concordei, tristonha.

Quando ele saiu, desejei com todas as minhas forças ter o poder de ficar invisível. Nunca, em toda a minha vida, quisera estar em outro lugar tanto quanto naquele instante.

Quinze minutos depois, saímos juntos para a varanda. Os outros membros da tripulação ergueram os olhos da mesa para nós dois com sorrisos maliciosos de quem tinha entendido tudo. Eu quis socar todos eles.

– Ally passou mal – informou Theo enquanto nos sentávamos. – Mas pelo visto você também não dormiu muito bem, Rob.

Os outros tripulantes deram risadinhas para Rob, que deu de ombros, envergonhado, enquanto Theo começava a falar calmamente sobre o treino que havia planejado.

Fiquei sentada sem dizer nada, satisfeita por ele ter mudado o rumo da conversa, mas sabia o que os outros estavam pensando. E a ironia era que estavam todos muito errados. Eu havia jurado nunca ir para a cama com um companheiro de embarcação, pois sabia com que rapidez as mulheres

podiam ficar mal faladas no mundinho das regatas. E agora parecia ter conquistado essa má reputação sem motivo.

Pelo menos consegui não vomitar o café da manhã e pude embarcar. A partir desse momento, me esforcei ao máximo para deixar claro para todo mundo – especialmente para o próprio – que eu não estava nem um pouco interessada em Theo Falys-Kings. Durante os treinos, mantinha a maior distância possível dele e lhe respondia em monossílabos. À noite, depois do jantar, cerrava os dentes e continuava sentada à mesa com os outros quando ele se levantava para voltar para a pensão.

Porque eu não o amava, dizia para mim mesma. E não queria que ninguém mais pensasse isso. No entanto, na minha determinação por convencer todos à minha volta, percebi que não havia nenhuma convicção firme na minha própria mente. Eu me pegava olhando para ele quando achava que ele não estava vendo. Admirava seu jeito calmo e contido de lidar com a tripulação e seus comentários sensíveis, que nos uniam e nos faziam trabalhar melhor em equipe. E admirava a maneira como, apesar de ele não ser muito alto em comparação com os outros, seu corpo era firme e musculoso debaixo das roupas. Ficava observando enquanto ele demonstrava repetidas vezes que era o mais em forma e o mais forte de todos nós.

Sempre que a minha mente traiçoeira se deixava levar *nessa* direção, eu fazia o possível para puxá-la de volta. De uma hora para a outra, porém, comecei a reparar que Theo vivia sem camisa. De fato, fazia muito calor durante o dia, mas será que ele precisava mesmo ficar sem camisa para examinar os mapas da regata?

– Está precisando de alguma coisa, Ally? – perguntou-me ele certa vez, virando-se e me flagrando com os olhos pregados nele.

Não me lembro nem do que balbuciei ao lhe dar as costas, com o rosto muito vermelho de vergonha.

Só fiquei aliviada por Theo nunca ter mencionado o que eu talvez tivesse dito a ele na noite em que passara mal. Comecei a me convencer de que tudo não devia mesmo ter passado de um sonho. Mesmo assim, sabia que algo tinha acontecido comigo e não era possível voltar atrás. Algo sobre o qual, pela primeira vez na vida, eu parecia não ter nenhum controle. Da mesma forma que meu padrão de sono habitual tinha me abandonado, meu saudável apetite havia desaparecido. Quando eu conseguia pegar no sono, tinha sonhos vívidos com ele, do tipo que me fazia enrubescer ao acordar e que tornava

meu comportamento em relação a ele ainda mais desajeitado. Quando eu era adolescente, lia histórias de amor e não lhes dava importância; preferia os thrillers de trama densa. No entanto, ao listar mentalmente meus sintomas atuais, constatei com tristeza que todos eles pareciam corresponder à mesma realidade: por algum motivo, eu dera um jeito de me apaixonar por Theo Falys-Kings.

Na última noite de treino, Theo se levantou da mesa depois do jantar e nos disse que tínhamos feito um trabalho espetacular e que ele acreditava de verdade que poderíamos vencer a regata. Depois do brinde, eu estava a ponto de me retirar para a pensão quando notei o olhar dele em mim.

– Ally, só tem uma coisa que eu queria conversar com você. Segundo o regulamento, precisamos de um membro da tripulação que fique responsável pelos primeiros-socorros. Não significa nada, é só burocracia e uns formulários para assinar. Você faria isso?

Ele apontou para uma pasta de plástico e meneou a cabeça em direção a uma mesa vazia. Seguimos até ela.

– Eu não sei rigorosamente nada sobre primeiros-socorros. E só porque sou mulher não quer dizer que saiba cuidar dos outros melhor do que os homens – falei, desafiadora, enquanto nos sentávamos à mesa longe dos outros. – Por que não pede a Tim ou um dos outros?

– Ally, cale a boca, por favor. Era só uma desculpa. Olhe aqui. – Theo me mostrou as duas folhas de papel em branco que acabara de tirar da pasta. – Então... – continuou, passando-me uma caneta. – Em nome das aparências, principalmente da sua, nós agora vamos ter uma conversa sobre as suas responsabilidades como membro da tripulação responsável pelos primeiros-socorros. E ao mesmo tempo vamos conversar sobre o fato de que, na noite em que você passou mal, disse que achava que me amava. E a verdade, Ally, é que eu acho que talvez esteja sentindo a mesma coisa por você.

Theo fez uma pausa, e eu o encarei com total incredulidade para ver se ele estava me provocando, mas estava entretido fingindo verificar os papéis.

– O que eu gostaria de sugerir é que a gente descubra o que isso significa para nós dois – continuou ele. – Amanhã, vou pegar meu iate e sumir durante um fim de semana prolongado. Gostaria que você viesse comigo. – Ele enfim ergueu os olhos para mim. – Você topa?

Minha boca abria e fechava, decerto criando uma boa imitação de um peixinho dourado, mas eu simplesmente não sabia o que responder.

– Pelo amor de Deus, Ally, diga que sim e pronto. Desculpe o péssimo trocadilho, mas estamos no mesmo barco. Nós dois sabemos que existe algo entre a gente, e isso desde o momento em que nos conhecemos, um ano atrás. Para ser franco, pelo que ouvi a seu respeito, esperava uma mulher musculosa e masculina. Mas aí apareceu você, com esses olhos azuis e essa deslumbrante cabeleira loura, e me desarmou completamente.

– Ah – falei, sem saber o que dizer.

– Então. – Ele pigarreou e percebi que estava igualmente nervoso. – Vamos fazer aquilo que mais amamos: ficar um tempo de bobeira no mar e dar a essa “coisa”, seja ela qual for, uma chance de evoluir. Na pior das hipóteses, você vai gostar do iate. É muito confortável e veloz.

– Vai... vai ter mais alguém a bordo? – perguntei, quando consegui recuperar a voz.

– Não.

– Então você vai ser o capitão e eu, a única tripulante?

– É, mas eu prometo não obrigar você a subir nas cordas nem a passar a noite inteira sentada no cesto da gávea. – Ele então sorriu e seus olhos verdes tinham uma expressão calorosa. – Ally, diga que sim e pronto.

– Tá – concordei.

– Ótimo. Agora, quem sabe, você possa assinar aqui na linha pontilhada para... Ahn, para fechar o acordo. – Ele apontou com o dedo para um ponto da folha em branco.

Olhei de relance em sua direção e vi que ele ainda estava sorrindo para mim. Finalmente lhe sorri de volta. Assinei meu nome e lhe devolvi o papel. Ele o estudou com uma expressão séria fingida e em seguida a recolocou dentro da pasta de plástico.

– Então, combinado – disse ele, erguendo a voz para nossos colegas poderem escutar.

Eles deviam estar mesmo de orelha em pé.

– E vejo você lá no porto ao meio-dia para lhe passar suas tarefas.

Ele me deu uma piscadela e calmamente voltamos para junto dos outros, mas meu ritmo controlado era só um disfarce para a maravilhosa onda de entusiasmo que me percorria por dentro.

2

A verdade é que nem Theo nem eu tínhamos certeza do que esperar quando içamos as velas e saímos de Naxos no seu iate Sunseeker, o esguio e potente *Netuno*, que era pelo menos 20 pés mais longo do que o Hanse, com o qual íamos participar da regata. Eu havia me acostumado a dividir com muitas outras pessoas as pequenas cabines, e agora que estávamos só os dois, todo aquele espaço adquiria uma presença exagerada. A cabine principal era uma luxuosa suíte, em teca envernizada, e quando vi a grande cama de casal me lembrei das circunstâncias em que dormíramos no mesmo quarto pela última vez.

– Comprei o iate bem baratinho uns dois anos atrás, quando o dono foi à falência – explicou ele enquanto conduzia a embarcação para fora do porto de Naxos. – Pelo menos agora eu tenho um teto.

– Você mora mesmo no barco? – indaguei, surpresa.

– Nos intervalos maiores, fico em Londres, na casa da minha mãe, mas no último ano tenho morado aqui nas raras ocasiões em que não estou levando outro barco até o local de uma regata ou competindo. Mas agora quero ter minha própria casa em terra firme. Na verdade, acabei de comprar uma, mas ela precisa de uma obra enorme e só Deus sabe quando vou ter tempo para isso.

Como eu já estava acostumada com o superiate oceânico do meu pai, o *Titã*, que tinha um sofisticado sistema computadorizado de navegação, nós dois dividimos a “condução”, como Theo gostava de dizer. Nessa primeira manhã, porém, tive dificuldade para deixar de lado o protocolo habitual quando estava a bordo com ele. Sempre que Theo me pedia para fazer alguma coisa, eu precisava me segurar para não responder: “Sim, capitão!”

Dava para sentir a tensão entre nós; nenhum dos dois tinha certeza de como ultrapassar a barreira do relacionamento profissional que tínhamos até então e levar as coisas para um patamar mais íntimo. Nossas conversas

eram engessadas; eu pensava duas vezes antes de dizer qualquer coisa naquela situação estranha, e acabava recorrendo sobretudo a banalidades sem importância. Theo ficava praticamente o tempo todo calado, e quando lançamos a âncora para almoçar, eu já estava começando a achar que aquela ideia toda tinha sido um completo desastre.

Fiquei grata quando ele apareceu com uma garrafa de *rosé* da Provence geladinho para acompanhar nossa salada. Nunca fui de beber muito, e certamente não no mar, mas de alguma forma conseguimos dar conta da garrafa sem dificuldade. Para tirá-lo daquele silêncio constrangedor, decidi falar sobre regatas. Falamos sobre nossa estratégia para as Cíclades e conversamos sobre como seria diferente a competição seguinte, nas Olimpíadas de Pequim. Minhas últimas provas eliminatórias para uma vaga na equipe suíça seriam no fim do verão, e Theo me disse que iria velejar até os Estados Unidos.

– Quer dizer que você nasceu nos Estados Unidos? Mas seu sotaque é britânico.

– Meu pai é americano, e minha mãe, inglesa. Eu estudei num colégio interno em Hampshire, depois fui para Oxford, e de lá para Yale – explicou ele. – Sempre fui meio CDF.

– O que você estudou?

– Letras clássicas em Oxford, depois fiz mestrado em psicologia em Yale. Tive sorte de conseguir entrar para a equipe de vela da universidade e acabei virando capitão. Tudo bem privilegiado. E você?

– Estudei flauta no Conservatoire de Musique de Genève. Mas então está explicado... – Olhei para ele de soslaio com um leve sorriso.

– O que está explicado?

– O fato de você gostar tanto de analisar os outros. É uma parte do motivo de você fazer tanto sucesso como capitão é porque sabe lidar tão bem com a tripulação. Principalmente comigo – arrematei, encorajada pela bebida. – Seus comentários me ajudaram, de verdade, mesmo que na hora eu não tenha gostado de escutá-los.

– Obrigado. – O elogio o fez encolher a cabeça com timidez. – Em Yale, me deram total liberdade para aliar meu amor pela vela com a psicologia, e eu desenvolvi um estilo de comando que alguns podem considerar um pouco fora do comum, mas que para mim funciona.

– Seus pais apoiavam a sua paixão pela vela?

– Minha mãe sim, mas meu pai... Bom, eles se separaram quando eu tinha 11 anos, e uns dois anos depois passaram por um divórcio difícil. Então, papai voltou para os Estados Unidos. Eu passava as férias com ele lá quando era mais novo, mas ele vivia viajando a trabalho e contratava babás para ficarem comigo. Foi me visitar algumas vezes quando eu estava em Yale para me ver competir, mas não posso dizer que o conhecia muito bem. Só pelo que ele fez com a minha mãe, e reconheço que a antipatia dela em relação a ele atrapalhou meu julgamento. Bem... de toda forma, eu adoraria ouvir você tocar flauta – disse ele, recuperando-se, mudando de assunto de repente e me encarando de frente, olhos verdes mergulhados em azuis. Mas o momento logo passou; ele tornou a olhar para o outro lado e se remexeu na cadeira.

Frustrada pelo aparente fracasso das minhas tentativas de fazê-lo se abrir, também mergulhei em um silêncio contrariado. Depois de levarmos a louça suja para a cozinha, mergulhei pela lateral do iate e nadei num ritmo forte e rápido para desanuviar meu cérebro embotado pelo vinho.

– Quer subir lá no convés de cima para pegar um sol antes de prosseguirmos? – indagou ele quando voltei a bordo.

– Está bem – concordei, embora sentisse que a minha pele clara e sardenta já tinha pegado sol mais do que suficiente.

Quando estava no mar, em geral me cobria inteira com um bloqueador solar à prova d'água, mas isso praticamente equivalia a me pintar de branco, e não era um visual dos mais sedutores. Naquela manhã, tinha usado um filtro solar mais leve, mas estava começando a achar que a queimadura não valeria a pena.

Theo pegou duas garrafas d'água no *cooler* e fomos nos acomodar no confortável convés de cima, na proa do iate. Deitamo-nos um ao lado do outro sobre as almofadas confortáveis, e arrisquei uma olhadela discreta na sua direção; meu coração batia descontrolado diante da proximidade seminua. Decidi que, se ele não tomasse logo a iniciativa, eu teria que fazer algo nada digno de uma dama e simplesmente pular em cima dele. Virei a cabeça para o outro lado, tentando impedir que mais pensamentos safadinhos invadissem a minha cabeça.

– Mas me fale sobre as suas irmãs e a casa no Lago Léman onde vocês moram. Parece um lugar idílico – disse ele.

– E é... eu...

Com o cérebro todo bagunçado pelo desejo e pelo álcool, a última coisa que eu queria era iniciar um longo monólogo sobre a minha complexa situação familiar.

– Estou meio com sono. Posso contar depois? – falei, virando de bruços.
– É claro que pode. Ally?

Senti o leve toque de seus dedos nas minhas costas.

– O quê? – Virei-me e ergui os olhos para ele; minha garganta se contraiu de expectativa, e fiquei sem ar.

– Seus ombros estão ficando queimados.

– Ah. Tá bom – rebati. – Bom, então vou lá para baixo sentar na sombra.

– Quer que eu vá também?

Não respondi, apenas dei de ombros enquanto me levantava e percorria a estreita parte do convés que dava na popa. Ele então segurou a minha mão.

– Ally, o que houve?

– Nada, por quê?

– Você está parecendo muito... tensa.

– Ah! Você também – retorqui.

– É mesmo?

– É – falei, enquanto ele me seguia escada abaixo até a popa e eu me sentava pesadamente em um banco à sombra.

– Desculpe. – Ele suspirou. – Eu nunca fui muito bom nessa parte.

– A que “parte” exatamente você está se referindo?

– Ah, você sabe. Todos esses preâmbulos, saber como conduzir a coisa. Quero dizer, eu respeito você e gosto de você, e não queria deixá-la com a sensação de que a trouxe no iate pensando só em sacanagem. Você poderia muito bem ter achado que era só isso que eu queria, já que é tão sensível em relação a ser mulher em um mundo de homens e...

– Pelo amor de Deus, Theo, eu não sou nada sensível!

– Sério? – Ele revirou os olhos, incrédulo. – Para ser sincero, hoje em dia a gente fica com medo de levar um processo por assédio sexual pelo simples fato de olhar para uma mulher com admiração. Já aconteceu comigo uma vez, com outra tripulante da minha equipe.

– Foi mesmo? – Fingi surpresa.

– Foi. Acho que eu disse alguma coisa do tipo: “Oi, Jo. Que bom ter você a bordo para animar os rapazes.” Depois disso, não tive mais chance de me redimir.

Encarei-o.

– Você *não disse* isso!

– Ah, pelo amor de Deus, Ally, o que eu quis dizer foi que ela iria nos deixar em alerta. A reputação profissional dela era excelente. E por algum motivo ela levou a coisa para o outro lado.

– Não consigo imaginar por quê... – comentei, ácida.

– Infelizmente, nem eu consegui.

– Theo, eu estava sendo irônica! Entendo perfeitamente por que ela se ofendeu. Você não pode imaginar os comentários que nós velejadoras escutamos. Não é de espantar que ela tenha se ofendido.

– Bom, foi por isso que eu fiquei tão nervoso quando soube que teria você a bordo. Principalmente porque eu achava você tão atraente.

– Eu sou o contrário, lembra? – rebati. – Você me criticou por tentar ser homem e não saber aproveitar meus pontos fortes!

– É verdade – disse ele com um sorriso. – E agora você está aqui sozinha comigo e trabalhamos juntos, você talvez pense que...

– Theo! Isso já está ficando ridículo. Acho que é você quem tem problema, não *eu!* – disparei em resposta, agora irritada de verdade. – Você me convidou para vir ao seu iate, e eu vim por livre e espontânea vontade!

– Veio, mesmo, mas, para ser sincero, essa coisa toda... – Ele fez uma pausa e me encarou com um olhar intenso. – Você é muito importante para mim. E desculpe me comportar como um idiota, mas faz tanto tempo que não pratico essa coisa de... paquerar. E não quero fazer nada errado.

Meu coração amoleceu.

– Bom, nesse caso, que tal tentar parar de analisar tudo e relaxar um pouco? – sugeri. – Aí quem sabe eu relaxo também. Lembre-se: eu *quero* estar aqui.

– Tá, vou tentar.

– Ótimo. – Examinei meus braços queimados de sol. – Agora, como estou mesmo começando a parecer um tomate maduro, vou descer para fazer uma pausa do sol. E você é muito bem-vindo para me acompanhar, se quiser. – Levantei-me e fui até a escada. – E prometo não processá-lo por assédio sexual. Na verdade... – acrescentei, ousada. – Talvez eu até o encoraje um pouquinho.

Desapareci escada abaixo, rindo por ter feito um convite tão direto e me perguntando como ele iria reagir. Quando entrei na cabine e me deitei

na cama, senti-me poderosa. Theo podia ser o chefe no trabalho, mas eu estava decidida a obter paridade, ou quem sabe até proeminência, em qualquer relacionamento pessoal que nós dois pudéssemos vir a ter.

Cinco minutos depois, ele apareceu encabulado na porta e pediu mil desculpas por ter sido “ridículo”. Quando ele acabou de falar, mandei-o calar a boca e vir para a cama.

Depois que *tudo* aconteceu, as coisas ficaram bem entre nós. Nos dias que se seguiram, ambos percebemos que o que estava acontecendo era muito mais profundo do que uma simples atração física: era a rara trindade de corpo, coração e mente. Por fim, então, mergulhamos na alegria mútua daquele encontro.

Nossa proximidade aumentou a um ritmo mais veloz do que o normal, uma vez que já tínhamos consciência das qualidades e dos defeitos de cada um, embora eu deva dizer que não falávamos muito sobre os últimos. Apenas nos esbaldávamos com o quão maravilhosos parecíamos aos olhos um do outro. Passávamos o tempo inteiro fazendo amor, bebendo vinho e comendo os peixes frescos que ele pescava da popa do iate enquanto eu ficava deitada em seu colo lendo um livro, preguiçosa. Nosso apetite físico vinha acompanhado por uma fome igualmente insaciável de saber o máximo que pudéssemos sobre o outro. Juntos e sozinhos, na paz proporcionada pelo mar, minha sensação era de que estávamos vivendo fora do tempo e de que não precisávamos de nada a não ser um do outro.

Na nossa segunda noite, deitada nos braços de Theo sob as estrelas no convés superior, contei-lhe sobre Pa Salt e minhas irmãs. Como todos sempre faziam, ele escutou com fascínio a história da minha estranha e mágica infância.

– Então deixe-me entender direito: o seu pai, a quem sua irmã mais velha apelidou de “Pa Salt”, trouxe você e cinco outras bebezinhas de suas viagens ao redor do mundo. Da mesma forma que outras pessoas colecionariam ímãs de geladeira?

– É, basicamente isso. Embora eu goste de pensar que sou um pouco mais preciosa do que um ímã de geladeira.

– Isso a gente vai ver – disse ele, mordiscando com delicadeza minha orelha. – Ele mesmo cuidava de vocês?

– Não. Para isso tinha a Marina, que a gente sempre chamou de “Ma”. Pa a contratou como babá quando adotou Maia, minha irmã mais velha. Ela

é praticamente nossa mãe, e todas nós a adoramos. Como ela é francesa, esse foi um dos motivos pelos quais fomos criadas falando francês, além de ser um dos idiomas oficiais da Suíça. Como Pa tinha obsessão por sermos bilíngues, falava com a gente em inglês.

– Ele fez um bom trabalho. Eu nunca teria percebido que o inglês não era sua língua materna, a não ser pelo seu sensacional sotaque francês – disse ele, puxando-me para si e dando um beijo nos meus cabelos. – Seu pai algum dia contou por que adotou vocês?

– Eu perguntei para Ma um dia, e ela respondeu que ele estava solitário em Atlantis e tinha dinheiro de sobra para gastar, só isso. A gente nunca questionou por quê, simplesmente aceitou que estava ali, como qualquer criança. Somos uma família, nunca precisamos de motivo. Nós simplesmente... *somos*.

– Parece um conto de fadas. O rico benfeitor que adota seis órfãs. Por que só meninas?

– A gente brincava que, como ele tinha começado a nos batizar em homenagem às estrelas da constelação das Sete Irmãs, adotar um menino talvez atrapalhasse a sequência – falei, com uma risadinha. – Mas, para ser sincera, nenhuma de nós faz a menor ideia.

– Quer dizer então que o seu nome é Alcíone, a segunda irmã? É um pouco mais complicado de pronunciar do que Al – provocou ele.

– É, mas ninguém nunca me chama assim, a não ser Ma, quando está zangada – falei, com uma careta. – E não se atreva a começar!

– Eu adoro seu nome, minha pequena Alcíone. Acho que combina com você. Mas por que só seis irmãs, quando deveriam ter sido sete para corresponder à mitologia?

– Não faço a menor ideia. A última irmã, que teria sido batizada de Mérope se Pa a tivesse levado para casa, nunca chegou – expliquei.

– Que pena.

– É mesmo. Mas levando em conta o pesadelo que foi minha sexta irmã, Electra, quando chegou a Atlantis, acho que nenhuma de nós queria mais um bebê se esgoelando em casa.

– Electra? – Theo reconheceu o nome na hora. – Aquela supermodelo famosa?

– Ela mesma – respondi, cautelosa.

Theo se virou para mim, assombrado. Eu quase nunca mencionava que

era parente de Electra, pois isso costumava gerar um interrogatório interminável para descobrir quem de fato estava por trás de um dos rostos mais fotografados do mundo.

– Muito bem. E as suas outras irmãs? – indagou ele, deixando-me feliz por não perguntar mais nada sobre Electra.

– Maia vem logo antes de mim e é a mais velha. Ela é tradutora, e herdou de Pa o talento com idiomas. Perdi a conta de quantos ela fala. E se você acha Electra bonita, deveria ver Maia. Enquanto eu sou ruiva e sardenta, ela tem uma pele morena linda de morrer, cabelos escuros, parece uma diva latina exótica. Já em termos de personalidade, ela é bem diferente: vive praticamente reclusa e ainda mora em Atlantis. Diz que quer ficar lá para cuidar de Pa Salt. A gente acha que ela está se escondendo, mas de quê... – Deixei escapar um suspiro. – Eu não sei. Tenho certeza de que alguma coisa aconteceu quando ela foi para a universidade. Ela mudou da água para o vinho. Enfim, eu adorava Maia quando era pequena e ainda adoro, embora sinta que ela se afastou de mim nos últimos anos. Para dizer a verdade, ela fez isso com todo mundo, mas nós éramos muito próximas.

– Quando você se fecha, tende a ficar sozinho, se é que você me entende – murmurou Theo.

– Que profundo. – Provoquei-o com um sorriso. – Mas, sim, é mais ou menos isso.

– E a irmã seguinte?

– Chama-se Estrela, e tem três anos a menos do que eu. Na verdade, minhas duas irmãs do meio vieram em par. Ceci, a quarta, foi trazida para casa por Pa só três meses depois de Estrela, e desde então as duas são unha e carne. Ambas tiveram uma vida meio nômade depois que deixaram a universidade, viajaram pela Europa e pelo Extremo Oriente, mas aparentemente agora pretendem se fixar em Londres para Ceci fazer um curso em uma fundação de arte. Se você me perguntasse quem Estrela *realmente* é como pessoa, ou quais são seus talentos e ambições, eu infelizmente não saberia dizer, porque Ceci a domina por completo. Ela não fala muito, e deixa a irmã falar pelas duas. Ceci tem uma personalidade bem forte, igual à de Electra. Como você pode imaginar, existe um pouco de tensão entre as duas. Electra é tão intensa quanto seu nome sugere, mas eu sempre a achei muito vulnerável por dentro.

– Suas irmãs com certeza dariam um estudo psicológico fascinante, disso eu tenho certeza – comentou Theo. – E a última?

– A última é Tiggy, que é muito fácil de descrever porque é simplesmente um amor. Ela se formou em biologia e passou um tempo envolvida com pesquisa no zoológico de Servion antes de ir trabalhar em uma reserva de cervos nas Terras Altas da Escócia. Ela é muito... – Busquei a palavra certa. – Muito etérea, e tem um monte de crenças espirituais esquisitas. Literalmente parece flutuar em algum ponto entre o céu e a terra. A verdade é que todas nós implicamos com ela sem trégua ao longo dos anos toda vez que afirmava ter ouvido vozes ou visto um anjo na árvore do jardim.

– Quer dizer que você não acredita em nada disso? – perguntou-me Theo.

– Eu diria que tenho os pés bem firmes no chão. Ou pelo menos na água – emendei, com um sorriso. – Tenho uma natureza muito prática, e acho que é em parte por isso que minhas irmãs sempre me consideraram a “líder” do nosso pequeno bando. Mas isso não significa que eu não tenha respeito por aquilo que não conheço ou não entendo. E você?

– Bom, apesar de eu nunca ter visto nenhum anjo como a sua irmã, sempre me senti protegido. Principalmente velejando. Passei por vários momentos difíceis a bordo, mas até agora... vou até bater na madeira... consegui sair ileso. Talvez Poseidon esteja do meu lado, para usar uma analogia mitológica.

– Que continue assim por muito tempo – murmurei, com fervor.

– Então por fim, mas não menos importante: me fale sobre esse seu incrível pai. – Theo começou a acariciar com delicadeza os meus cabelos. – O que ele faz da vida?

– Para ser sincera outra vez, nenhuma de nós sabe muito bem. Seja lá o que for, com certeza teve muito sucesso. O iate dele, o *Titã*, é um Benetti – falei, tentando traduzir a riqueza de Pa em uma língua que Theo pudesse entender.

– Nossa! Assim o meu fica parecendo um bote de criança. Bom... com esses dois palácios, na terra e no mar, imagino que você seja uma princesa secreta – provocou Theo.

– A gente com certeza teve uma vida boa, sim, mas Pa fez questão de que todas nós ganhássemos nosso próprio dinheiro. Depois de adultas, ninguém nunca recebeu nenhum tostão de mão beijada, a não ser para pagar os estudos.

– Um homem sensato. Vocês são próximos?

– Ah, muito. Ele é... é tudo para mim e para todas nós. Tenho certeza de que cada uma gosta de pensar que tem um relacionamento especial com ele, mas como nós dois temos em comum o amor pela vela, passei muito tempo sozinha com ele quando era pequena. E não foi só vela que ele me ensinou – arrematei. – Ele é a pessoa mais bondosa e mais sábia que já conheci.

– Quer dizer que você é uma verdadeira queridinha do papai. Pelo visto eu tenho um exemplo e tanto a superar – observou Theo, descendo a mão dos meus cabelos para acariciar meu pescoço.

– Chega de falar de mim, quero saber de você – falei, distraída pelo seu toque.

– Depois, Ally, depois... você precisa saber o efeito que esse seu lindo so-taque francês tem em mim. Eu poderia passar a noite inteira ouvindo você falar. – Ele se levantou, apoiando-se no cotovelo, e se inclinou para me dar um beijo na boca. Depois disso não dissemos mais nada.

3

Na manhã seguinte, tínhamos decidido velejar até Mikonos para comprar mantimentos quando Theo me chamou do convés superior para que eu me juntasse a ele no passadiço.

– Adivinhe só? – falou, com um ar satisfeito.

– O quê?

– Eu estava batendo papo no rádio com Andy, um amigo velejador que está por aqui com seu catamarã, e ele sugeriu nos encontrarmos em uma baía perto de Delos para uns drinques mais tarde. E ele brincou dizendo que tinha um superiate chamado *Titã* atracado bem ao lado dele, de modo que a gente não tinha como não o encontrar.

– *Titã*? – exclamei. – Tem certeza?

– Ele disse que era um Benetti, e duvido que o iate do seu pai tenha um sócia. Andy também disse que tinha um outro palácio flutuante se aproximando e que ele estava começando a ficar claustrofóbico, então tinha se afastado alguns quilômetros até uma baía distante. E aí, vamos tomar uma xícara de chá com seu pai antes de ir encontrar Andy? – perguntou ele.

– Estou perplexa – respondi, sincera. – Pa não comentou comigo que estava planejando vir para a Grécia, embora eu saiba que o seu lugar preferido para navegar é o mar Egeu.

– Na verdade, ele não devia imaginar que você estaria tão perto. Você pode verificar se é mesmo o iate do seu pai pelo binóculo quando chegarmos um pouco mais perto, para eu avisar ao capitão pelo rádio que estamos chegando. Seria bem constrangedor se não fosse o iate do seu pai e interrompêssemos algum oligarca russo dando uma orgia em um barco cheio de vodca e garotas de programa. Aliás, bem pensado. – Theo se virou para mim. – Seu pai nunca aluga o *Titã*, não é?

– Nunca – respondi, firme.

– Certo, então, madame, pegue o binóculo e volte para relaxar lá em

cima enquanto seu fiel capitão assume o leme. Quando vir o iate, me faça um sinal pela janela que eu mando um recado pelo rádio para o *Titã* dizendo que estamos chegando.

Subi de volta até o convés superior e me sentei, tensa, para esperar avistar o *Titã* surgindo no horizonte; perguntei-me como iria me sentir apresentando o homem que eu mais amava no mundo ao homem que amava mais a cada dia que passava. Tentei lembrar se Pa algum dia havia conhecido algum namorado meu. Talvez eu o tivesse apresentado a algum paquera na época da escola de música em Genebra, mas não passara disso. Para ser sincera, nunca tinha conhecido uma “pessoa especial” que tivesse tido vontade de apresentar ao meu pai ou ao resto da família.

Até agora...

Vinte minutos mais tarde, um casco de formato familiar apareceu e mirei nele o binóculo. Sim, com certeza era o iate de Pa. Virei-me, dei uma bati-dinha na janela de vidro do passadiço atrás de mim e ergui o polegar para Theo. Ele assentiu e pegou o receptor do rádio.

Desci até a coberta, domei os cabelos despenteados pelo vento em um rabo de cavalo bem-feito e vesti uma camiseta e um short, subitamente animada por poder virar o jogo com meu pai e fazer uma surpresa *para ele*, só para variar. De volta ao passadiço, perguntei a Theo se Hans, capitão do meu pai, já tinha respondido alguma coisa pelo rádio.

– Não. Acabei de mandar outra mensagem. Se não recebermos resposta, parece que vamos ter que arriscar e aparecer sem avisar. Interessante. – Theo pegou o binóculo e o mirou no iate próximo ao *Titã*. – Eu sei de quem é o outro superiate que Andy mencionou. Chama-se *Olimpo* e pertence ao magnata Kreeg Eszu. A empresa dele, a Lightning Communications, já patrocinou algumas das embarcações em que fui capitão, de modo que nos encontramos algumas vezes.

– Sério? – Aquilo me fascinou. Kreeg Eszu, à sua maneira, era tão famoso quanto Electra. – Como ele é?

– Bem, vejamos... não posso dizer que me afeiçoei a ele. Sentei-me ao seu lado uma vez durante o jantar, e ele passou a noite inteira falando de si e dos seus sucessos. E Zed, filho dele, é pior ainda... um riquinho mimado, que acha que o dinheiro do pai significa que pode fazer o que quiser.

Vi seus olhos se encherem de uma raiva pouco habitual.

Eu havia apurado os ouvidos. Não era a primeira vez que ouvia o nome de Zed Eszu ser citado por alguém próximo.

– Ele é tão ruim assim?

– É, ruim *mesmo* – confirmou Theo. – Uma amiga minha se envolveu com o cara, e ele a tratou feito lixo. Enfim... – Theo tornou a levar o binóculo aos olhos. – Acho melhor a gente passar outro rádio para o *Titã*. Parece que o iate está indo embora. Que tal você mandar o recado? Se o seu pai ou o capitão estiverem escutando, talvez reconheçam a sua voz.

Fiz isso, mas não houve resposta. O iate continuou a ganhar velocidade, se afastando de nós.

– Quer que a gente vá atrás? – sugeriu Theo enquanto o *Titã* se afastava.

– Vou pegar meu celular e ligar direto para Pa – falei.

– Enquanto você faz isso, vou apressar o passo aqui. Eles já devem estar longe, mas, como eu nunca tentei alcançar um superiate, talvez isso seja divertido – brincou ele.

Deixei-o brincando de gato e rato com o iate de Pa e desci para a coberta, segurando-me no batente da porta quando ele acelerou. Vasculhei a mochila em busca do celular e tentei ligá-lo, encarando com impaciência a tela sem vida. O aparelho me encarou de volta feito um bicho de estimação deixado à própria sorte que eu me esquecera de alimentar, e entendi que a bateria tinha acabado. Tornei a vasculhar a mochila em busca do carregador, até encontrar um adaptador americano adequado à tomada junto à cama, em seguida pluguei o telefone e torci para que voltasse depressa a funcionar.

Retornei ao passadiço. Theo tinha diminuído nossa velocidade para um ritmo relativamente normal.

– Não temos como alcançar seu pai agora, nem na velocidade máxima. O *Titã* está à toda. Você ligou para ele?

– Não, meu celular está carregando.

– Tome aqui, use o meu.

Theo me estendeu o telefone e digitei o número de Pa Salt. A ligação caiu direto na caixa postal. Deixei recado explicando a situação e pedindo a meu pai para me ligar assim que possível.

– Parece que seu pai está fugindo de você – provocou Theo. – Talvez ele não queira ser visto neste exato momento. Enfim, vou mandar um rádio para o Andy, descobrir onde ele está, e vamos direto encontrá-lo.

Minha confusão deve ter transparecido no meu rosto, pois Theo me puxou para si e me deu um abraço.

– Ah, princesa, eu estava só brincando. É só uma linha aberta de rádio, lembre-se, e o *Titã* pode muito bem não ter ouvido as mensagens. Com certeza já aconteceu comigo. Você deveria ter ligado direto para ele, logo de cara.

– É – concordei. No entanto, enquanto seguíamos para Delos em um ritmo mais relaxado para encontrar o amigo de Theo, pensei numa coisa: depois de passar tantas horas velejando com Pa, eu sabia quanto ele fazia questão de manter o rádio ligado o tempo todo, e o capitão Hans sempre ficava alerta para qualquer mensagem que o *Titã* recebesse.

Agora, quando penso no assunto, lembro-me de ter ficado bastante abalada pelo resto da tarde. Talvez tenha sido uma premonição em relação ao que estava por vir.



Assim, acordei na manhã seguinte abraçada a Theo na linda e deserta baía de Macheres, triste por pensar que teria que voltar para Naxos mais tarde naquele mesmo dia. Theo já havia comentado sobre seus planos de treinar para a regata que iria começar dali a alguns dias, e aquela nossa idílica estadia estava quase no fim – pelo menos por enquanto.

Deitada nua no convés superior ao lado dele, tentando despertar do meu devaneio, tive que forçar a mente a engatar a primeira para sair daquele maravilhoso casulo que éramos nós dois. Meu telefone continuava carregando desde a véspera, e comecei a me levantar para ir pegá-lo.

– Aonde você vai? – Theo me segurou com força.

– Pegar meu celular. Seria bom ouvir meus recados.

– Volte logo, tá?

Voltei, e ele então me abraçou e me disse para largar o telefone por mais um tempinho. Basta dizer que demorei mais uma hora para ligá-lo.

Sabia que devia haver alguns recados de amigos e parentes, mas, enquanto tirava a mão de Theo delicadamente de cima da minha barriga para não acordá-lo, reparei que tinha recebido um número de mensagens de texto bem maior do que o normal. E tinha vários alertas de recados na caixa postal.

Todas as mensagens eram das minhas irmãs.

Ally, por favor, me ligue assim que puder. Beijos, Maia.

Ally, é a Ceci. Está todo mundo atrás de você. Ligue para a Ma ou para a gente assim que der.

Ally, querida, é a Tiggy. A gente não sabe onde você está, mas precisamos falar com você.

Até que a mensagem de Electra fez meu corpo ser percorrido por calafrios de terror. *Ai, meu Deus, Ally! Que coisa horrível, né? Dá para acreditar? Estou indo de LA para casa agora.*

Levantei-me e fui até a proa do iate. Estava claro que algo terrível havia acontecido. Foi com as mãos trêmulas que liguei para a caixa postal e esperei para ouvir o que tinha feito minhas irmãs me procurarem com tamanha urgência.

Entendi assim que escutei o recado mais recente.

Oi, é a Ceci de novo. Parece que está todo mundo com medo de contar para você, mas a gente precisa que você volte para casa urgente. Ally, lamento muito ser eu a dar a má notícia, mas Pa Salt morreu. Sinto muito. Sinto muito. Por favor, ligue assim que puder.

Ceci provavelmente pensou que tinha encerrado a ligação antes de fazê-lo, pois um soluço alto ecoou antes do bipe do recado seguinte.

Meus olhos se perderam ao longe, sem ver nada, e pensei em como, na véspera mesmo, eu tinha visto o *Titã* pelo binóculo. *Deve ter havido algum engano*, pensei, para me reconfortar enquanto escutava o recado seguinte de Marina, minha mãe em tudo, menos no sangue, que também me pedia para entrar em contato com urgência, e em seguida recados semelhantes de Maia, Tiggy e Electra...

– Ai, meu Deus, ai, meu Deus...

Segurei-me na amurada para não cair. O celular escapuliu da minha mão e bateu no convés de teca com uma pancada. Abaixei a cabeça; parecia que todo o meu sangue estava se esvaindo, e achei que fosse desmaiar. Com a respiração pesada, desabei no convés e enterrei a cabeça nas mãos.

– Não pode ser, não pode ser verdade... – gemi.

– Mas, querida, o que foi que aconteceu? – Theo surgiu do meu lado, ainda nu, agachou-se e ergueu meu queixo na sua direção. – O que houve?

Tudo que consegui fazer foi apontar para o celular caído.

– Más notícias? – indagou ele, pegando o aparelho.

Assenti.

– Ally, parece que você viu um fantasma. Venha para a sombra, e vamos pegar um copo d'água.

Ainda segurando meu celular, ele me levantou do convés e me escorou até um banco de couro na coberta. Lembro-me de ter pensado aleatoriamente se estaria fadada a sempre ser vista por ele em situações de total desamparo.

Ele pôs depressa um short e pegou para mim uma das suas camisetas; com delicadeza, ajudou meu corpo inerte a vestir a roupa, em seguida me passou uma bela dose de conhaque e um copo d'água. Minhas mãos tremiam tanto que tive que pedir a ele para ligar para minha caixa postal, pois precisava ouvir os outros recados. Engasguei e cuspi ao engolir o conhaque, mas a bebida aqueceu meu corpo e ajudou a me acalmar.

– Tome. – Ele me passou o aparelho e, anestesiada, tornei a escutar o recado de Ceci e todos os outros, incluindo três de Maia e um de Marina, seguidos pela voz desconhecida de Georg Hoffman, que eu lembrava vagamente ser o advogado de Pa. Além disso, havia cinco recados mudos nos quais a pessoa evidentemente não soubera o que dizer e acabara desligando.

Pousei o celular ao meu lado no banco. Theo não havia desgrudado os olhos do meu rosto.

– Pa Salt morreu – sussurrei baixinho, e passei um tempão com os olhos perdidos no vazio.

– Como?

– Não sei...

– Tem certeza absoluta?

– Tenho. Ceci foi a única que teve a coragem de dizer com todas as letras. Mas eu ainda não entendo como é possível... a gente viu o iate dele ontem mesmo.

– Infelizmente eu não tenho explicação para isso, princesa. Tome, o melhor a fazer é você ligar para casa agora mesmo – disse ele, tornando a deslizar o telefone pelo banco na minha direção.

– Eu... *eu não consigo*.

– Entendo. Quer que eu ligue? Se você me der o telefone eu...

– **NÃO!** – gritei. – Eu só preciso voltar para casa. Agora! – Levantei-me,

olhei em volta com impotência, então ergui os olhos para o céu, como se um helicóptero fosse aparecer lá em cima e me levar para o lugar em que eu precisava estar com tanta urgência.

– Escute, vou entrar na internet e dar uns telefonemas. Já volto.

Ele desapareceu no passadiço enquanto eu fiquei ali sentada, catatônica em choque.

Meu pai... Pa Salt... morto?! Essa ideia ridícula me fez deixar escapar uma gargalhada de indignação. Meu pai era indestrutível, onipotente, *vivo*...

– Não, por favor – articulei, impotente.

Comecei a tremer de repente e a sentir os pés e as mãos formigarem como se eu estivesse na neve dos Alpes, e não em um iate sob o sol do mar Egeu.

– Então tá – disse Theo ao voltar do passadiço. – Não vai dar para você pegar o voo de 14h40 de Naxos para Atenas, então vamos ter de ir por mar. Tem um voo de Atenas para Genebra bem cedinho amanhã de manhã. Fiz reserva para você, só restavam poucos assentos livres.

– Então não vou conseguir chegar em casa hoje?

– Ally, já é uma e meia da tarde, e o trajeto até Atenas de barco é longo. Sem falar no de avião até Genebra. Pelos meus cálculos, se usarmos a velocidade máxima na maior parte do caminho, com uma parada em Naxos para abastecer, conseguimos chegar em Atenas hoje no pôr do sol. Ainda que não me agrade entrar com este iate em um porto lotado como o Pireu depois de escurecer.

– Claro – respondi, no automático. Perguntei-me como conseguiria suportar as intermináveis horas que me separavam da viagem para casa.

– Certo, vou ligar o motor – disse Theo. – Quer vir sentar ao meu lado?

– Daqui a pouco.

Cinco minutos depois, quando escutei o clangor hidráulico ritmado da âncora sendo puxada e o ronco suave dos motores ganhando vida, levantei-me e fui até a popa, onde me apoiei na amurada. Fiquei olhando enquanto nos afastávamos da ilha, que na véspera eu considerava um verdadeiro paraíso, mas agora seria para sempre o lugar onde ficara sabendo da morte do meu pai. À medida que o iate ganhava velocidade, comecei a ficar enjoada de choque e culpa. Nos últimos dias, fora total e completamente egoísta. Só havia pensado em *mim* e na minha própria felicidade por ter encontrado Theo.

E enquanto eu estava transando, deitada abraçada com ele, meu pai jazia,

morrendo em algum lugar. Como é que eu *algum dia* poderia me perdoar por isso?



Theo cumpriu o prometido, e chegamos ao porto do Pireu, em Atenas, na hora em que o sol estava se pondo. Durante o terrível trajeto, eu passara o tempo inteiro deitada no seu colo no passadiço, enquanto ele acariciava delicadamente meus cabelos com uma das mãos e usava a outra para manobrar com segurança pelo mar batido. Depois de atracarmos, ele desceu até a cozinha, pôs um macarrão no micro-ondas e me deu de comer como se eu fosse uma criança.

– Vamos descer para dormir? – perguntou, e pude ver que a concentração das últimas horas o havia deixado exausto. – Temos que acordar às quatro amanhã por causa do horário do seu voo.

Concordei, pois sabia que ele insistiria para ficar acordado comigo caso eu não quisesse ir para a cama. Preparando-me para uma longa noite acordada, deixei-o me conduzir até lá embaixo, onde ele me ajudou a deitar na cama, tomou-me nos braços e me aninhou junto de si.

– Se isso for algum consolo, Ally, eu amo você. Não “acho”... *sei*.

Encarei a escuridão e, embora não tivesse derramado uma só lágrima desde a notícia, constatei que meus olhos estavam subitamente molhados.

– E juro que não estou dizendo isso só para fazer você se sentir melhor. Ia dizer hoje à noite, de qualquer jeito – arrematou ele.

– Eu também amo você – sussurrei.

– Sério?

– Sim.

– Bom, se isso for verdade, fico mais feliz do que se tivesse ganhado a regata Fastnet deste ano. Agora tente dormir.

E, para minha própria surpresa, reconfortada por Theo e sua declaração de amor, adormeci.



Na manhã seguinte, enquanto o táxi se arrastava pelo trânsito de Atenas, pesado mesmo naquelas primeiras horas do dia, vi Theo verificando dis-

cretamente o relógio. Em geral quem controlava essas coisas era eu, sempre monitorando o tempo para os outros, mas nesse momento fiquei satisfeita por ele assumir o comando.

Fiz o check-in quarenta minutos antes do voo, com o guichê já quase fechando.

– Ally, princesa, me diga uma coisa... tem certeza que você vai ficar bem?

– Theo franziu o cenho. – E não quer que eu vá até Genebra com você?

– Eu vou ficar bem, sério – falei, e comecei a andar em direção ao portão de embarque.

– Escute, se tiver alguma coisa que eu possa fazer, por favor me avise.

Tínhamos chegado ao final da fila do raio X que serpenteava entre as balizas. Virei-me para ele:

– Obrigada, por tudo. Você foi incrível.

– Não fui não, Ally, e escute... – Ele me puxou de volta com urgência. – Não esqueça que eu amo você.

– Não vou esquecer – sussurrei, conseguindo, não sei como, abrir um sorriso desanimado.

– A qualquer momento em que não estiver se sentindo forte, é só me ligar ou mandar mensagem.

– Prometo fazer isso.

– E aliás... – disse ele, soltando-me do abraço. – Eu vou entender totalmente se você não puder mais participar da regata, dadas as atuais circunstâncias.

– Eu aviso assim que der.

– Sem você nós vamos perder. – Ele abriu um sorriso repentino. – Você é a melhor velejadora que eu já tive. Tchau, minha princesa.

– Tchau.

Entrei na fila e fui tragada pelo mar de pessoas que avançava lentamente. Quando estava prestes a pôr a mochila na esteira do raio X, virei-me.

Theo continuava lá.

“Eu amo você”, articulou ele com os lábios. Jogou-me um beijo, deu um aceno e foi embora.

Durante a espera no portão de embarque, a bolha de amor surreal na qual eu havia passado os últimos quatro dias estourou de repente, e minha barriga começou a se contrair de apreensão e angústia diante do que teria que enfrentar. Saquei o celular e liguei para Christian, o jovem capitão da lancha da nossa família, que me levaria da cidade até a casa da minha

infância pelo Lago Léman. Deixei recado pedindo a ele que me pegasse às dez da manhã no píer. Também lhe pedi para não comentar com Ma nem com minhas irmãs sobre a minha chegada. Disse que eu mesma avisaria.

No entanto, quando embarquei no avião e pensei que estava na hora de fazer a ligação, constatei que era incapaz. A terrível perspectiva de passar mais algumas horas sozinha depois de ter a notícia confirmada pessoalmente por alguém da família me impediu. O avião começou a manobrar pela pista, e quando decolamos e subimos pelo céu de Atenas em direção ao sol nascente, apoiei a bochecha quente na janela fria e me senti invadida pelo pânico. Para me distrair, espiei a manchete de um exemplar do *International Herald Tribune* que a comissária de bordo havia me dado. Estava prestes a deixar o jornal de lado quando uma das notícias chamou minha atenção.

“CORPO DE MAGNATA BILIONÁRIO ENCONTRADO
EM ILHA GREGA.”

Havia a foto de um rosto vagamente conhecido, e abaixo dela a legenda:
“Kreeg Eszu encontrado morto em praia de ilha grega histórica.”

Fiquei encarando a notícia, chocada. Theo me dissera que era o iate de Eszu, o *Olimpo*, que estava perto do de Pa Salt na baía próxima a Delos...

Deixei o jornal escorregar para o chão e me pus a olhar pela janela, arrasada. Não estava entendendo aquilo... não estava entendendo mais nada.

Quase três horas mais tarde, quando o avião começou a aterrissar no aeroporto de Genebra, meu coração pôs-se a bater tão depressa que mal consegui respirar. Eu estava voltando para casa, o que em geral me deixava feliz e animada, já que a pessoa que mais amava no mundo estaria lá para me acolher de braços abertos naquele mundo mágico, só nosso. Dessa vez, porém, sabia que ele não iria me receber. Nunca mais.

4

— Quer dirigir, mademoiselle Ally? – Christian apontou para meu lugar habitual em frente ao leme onde eu me sentaria para nos conduzir pelas águas paradas e calmas do Lago Léman.

– Hoje não, Christian – falei, e ele assentiu com um ar sério, confirmando com a expressão do rosto tudo que eu já sabia ser verdade.

Deu a partida no motor e eu afundei em um dos bancos traseiros e abaixei a cabeça, desolada, sem conseguir olhar para lugar algum a não ser para baixo, lembrando-me de como Pa Salt tinha me posto no seu colo quando eu era pequenininha e me deixado dirigir uma lancha pela primeira vez. Agora, estava a poucos minutos de ser obrigada não apenas a encarar a realidade, mas também a reconhecer o fato de que eu não tinha recebido nem respondido os recados da minha família. Perguntei-me como qualquer deus seria capaz de me tirar dos píncaros da felicidade e me atirar no desespero abjeto que senti ao me aproximar de Atlantis.

Visto do lago, tudo para lá das cercas vivas perfeitas que protegiam a casa da visão externa estava como sempre estivera. Com certeza teria havido algum engano, rezei, enquanto Christian encostava a lancha no deque e eu saltava e a amarrava com firmeza ao cabeçço. Pa viria me receber a qualquer momento, ele *tinha* que estar ali...

Segundos depois, vi Ceci e Estrela chegando pelo gramado. Então Tiggy também apareceu, e ouvi-a gritar alguma coisa para a porta da frente aberta enquanto ela apressava o passo para alcançar as duas irmãs mais velhas. Comecei a correr pelo gramado, mas meus joelhos perderam as forças de tanta apreensão e parei. Tentei interpretar a expressão no rosto delas.

Ally, pedi a mim mesma, a líder aqui é você, você precisa se controlar...

– Ally! Ai, Ally, que bom que você chegou! – Tiggy foi a primeira a me alcançar parada no gramado, tentando parecer calma. Abraçou-me e me apertou com força. – Faz dias que estamos esperando você aparecer!

Ceci foi a segunda a se aproximar, seguida por Estrela, sua fiel escudeira, que não disse nada, mas se uniu a Tiggy em nosso abraço.

Depois de algum tempo, afastei-me do abraço. Vi lágrimas nos olhos das minhas irmãs, e juntas caminhamos até Atlantis.

Ao ver a casa, fui atingida por uma nova onda de perda. Pa Salt chamava aquilo de nosso reino particular. Construída no século XVIII, a casa chegava a lembrar um castelo de conto de fadas, com suas cinco torretas e seu exterior pintado de rosa. Aninhada em uma península só sua e cercada por esplendorosos jardins, era um lugar em que eu sempre me sentira segura... mas que agora parecia vazio sem Pa Salt.

Quando chegamos à varanda, Maia, minha irmã mais velha, saiu do pavilhão localizado ao lado da casa principal. Pude ver que os lindos traços de seu rosto estavam marcados pela dor, mas se iluminaram de alívio quando ela me viu.

– Ally! – arquejou ela, e correu para me receber.

– Maia – falei, sentindo seus braços me enlaçarem. – Que coisa horrível, não é?

– Horrível, mesmo. Mas como você ficou sabendo? Faz dois dias que estamos tentando encontrar você.

– Vamos entrar? – perguntei a elas. – Aí eu explico.

Minhas outras irmãs me cercaram para entrarmos em casa, enquanto Maia ficou para trás. Embora fosse ela a mais velha e a quem todas recorriam individualmente quando tinham algum problema emocional, em grupo quem assumia o comando era sempre eu. E eu sabia que ela estava me deixando fazer isso agora.

Ma já estava à nossa espera no hall de entrada e me envolveu em um abraço cálido e silencioso. Deixei-me afundar no conforto daqueles braços e a apertei com força. Fiquei aliviada quando ela sugeriu que fôssemos todas para a cozinha; a viagem tinha sido longa, e eu estava louca por um café.

Enquanto Claudia, nossa governanta, preparava café numa cafeteira grande, Electra apareceu na cozinha – de algum jeito, mesmo de short e camiseta, seus braços e pernas compridos e morenos tinham um aspecto elegante sem qualquer esforço.

– Ally – cumprimentou-me ela, em voz baixa. Pude ver como parecia esgotada, como se alguém a tivesse furado e sugado o brilho de seus incríveis olhos cor de âmbar. Ela me deu um abraço rápido e apertou meu ombro.

Olhei para cada uma das minhas irmãs, e pensei no quanto era raro ultimamente estarmos todas assim reunidas. Quando pensei no motivo deste encontro, senti um nó na garganta. Embora eu alguma hora tivesse que ser informada sobre o que havia acontecido com Pa, sabia que primeiro precisava contar a elas onde estivera, o que tinha visto lá e por que levava tanto tempo para chegar em casa.

– Certo. – Respirei fundo antes de começar. – Vou contar o que aconteceu porque, para ser sincera, eu mesma ainda estou confusa. – Quando nos sentamos em volta da mesa, reparei que Ma estava em pé um pouco afastada e acenei para ela puxar uma cadeira. – Ma, você também deveria escutar o que vou dizer. Talvez possa ajudar a explicar.

Enquanto ela se sentava, tentei organizar os pensamentos para explicar a aparição do *Titã* na mira do meu binóculo.

– Então, eu estava no mar Egeu, treinando para a regata da Cíclades na semana que vem, quando um amigo velejador me convidou para passar um fim de semana prolongado no iate dele. O tempo estava incrível, e foi ótimo relaxar de verdade no mar, para variar um pouco.

– De quem era o iate? – perguntou Electra, como eu sabia que faria.

– De um amigo, já disse – respondi, evasiva. Por mais que quisesse compartilhar Theo com minhas irmãs em algum momento, certamente essa hora ainda não tinha chegado. – Enfim, dois dias atrás, de tarde, a gente estava lá e o meu amigo me disse que outro colega velejador dele tinha mandado um rádio dizendo ter visto o *Titã*...

Ao lembrar esse instante, tomei um gole de café, em seguida me esforcei ao máximo para descrever como nossas mensagens de rádio tinham ficado sem resposta, e minha incompreensão quando o iate de Pa Salt tinha continuado a se afastar de nós. Todas escutaram minha história com uma atenção fascinada, e vi Ma e Maia trocarem um olhar de tristeza. Então respirei fundo e lhes disse que, por causa do sinal ruim de telefonia celular na região, não tinha recebido nenhum dos recados até a véspera. Detestei-me por mentir desse jeito, mas não consegui suportar contar a elas que havia simplesmente desligado o telefone. Também não disse nada sobre o *Olimpo*, o outro iate que Theo e eu tínhamos visto na baía.

– Então, por favor – pedi, por fim. – Alguém pode me dizer que porcaria estava acontecendo? E por que o iate de Pa Salt estava na Grécia quando ele já estava... morto?

Viramo-nos todas para Maia. Vi que ela estava medindo as palavras antes de falar.

– Ally, Pa Salt sofreu um infarto três dias atrás. Não houve nada que ninguém pudesse fazer.

Ouvir o jeito como ele havia morrido da boca da minha irmã mais velha tornou tudo bem mais definitivo. Enquanto eu tentava conter as lágrimas que já me brotavam dos olhos, ela prosseguiu:

– O corpo dele foi levado de avião até o *Titã*, depois jogado no mar. Ele quis descansar no oceano; não queria nos incomodar.

Sem parar de encará-la, dei-me conta da terrível realidade.

– Ai, meu Deus... – sussurrei, por fim. – Então existe uma grande chance de eu ter surpreendido o funeral particular dele. Não é de espantar que o iate tenha se afastado de mim o mais depressa possível. Eu...

Sem conseguir mais fingir que estava forte ou calma, segurei a cabeça com as mãos e respirei fundo várias vezes para controlar o pânico, enquanto minhas irmãs se reuniam à minha volta para tentar me reconfortar. Desacostumada a demonstrar emoção na frente delas, ouvi-me pedindo desculpas ao mesmo tempo que tentava me recompor.

– Deve ter sido um choque terrível para você entender o que estava de fato acontecendo. A gente sente muito, Ally – disse Tiggy, delicada.

– Obrigada – consegui dizer, e em seguida balbuciei alguns lugares-comuns sobre ter ouvido Pa me dizer certa vez que queria ser enterrado no mar. Que coincidência ridícula eu ter cruzado com o *Titã* durante a sua última viagem; pensar isso fez minha cabeça girar, e precisei urgentemente de ar. – Escutem, vocês ficariam muito chateadas se eu ficasse um tempo sozinha? – perguntei, com a voz mais firme de que fui capaz.

Todas concordaram e deixei a cozinha seguida pelas calorosas palavras de apoio delas.

De pé no corredor, olhei em volta, desesperada, tentando fazer meu corpo seguir na direção do conforto pelo qual ansiava, mas sabendo que, para onde quer que me virasse, ele continuaria morto e eu não encontraria conforto algum.

Saí pela pesada porta da frente cambaleando; o que mais queria era estar ao ar livre para aliviar a sensação de pânico que me apertava o peito. Meu corpo me conduziu automaticamente até o deque, onde fiquei aliviada ao ver o Laser atracado. Subi a bordo, icei as velas e soltei as cordas.

Quando me afastei da margem, senti que o vento estava bom, então alcei a bujarrona e saí velejando pelo lago o mais depressa que consegui. Depois de algum tempo, exausta, lancei âncora em uma enseada protegida por uma península rochosa.

Deixei meus pensamentos fluírem para tentar entender o que acabara de saber, mas eles estavam tão confusos que não aconteceu grande coisa, e fiquei apenas olhando para a água feito uma idiota, sem pensar em absolutamente nada, desejando conseguir atinar coisa com coisa. Os fios emaranhados da minha consciência se recusavam a se conformar com o que *de fato* tinha acontecido. Ter estado presente no que pelo visto fora o funeral de Pa Salt... Por que *logo eu* estava lá para presenciar aquilo? Será que havia um motivo? Ou seria apenas coincidência?

Aos poucos, conforme meu coração começou a desacelerar e meu cérebro voltava a funcionar de novo, a dura realidade me atingiu. Pa Salt tinha morrido, e era provável que isso não tivesse *nenhuma* explicação ou motivo. E se eu, a eterna otimista, quisesse superar isso, precisava simplesmente aceitar os fatos como eram. No entanto, todas as referências que eu em geral usava quando algo horrível acontecia comigo pareciam não se encaixar; todas as banalidades vazias eram levadas embora pela maré da dor e da incredulidade que sentia. Entendi que, para onde quer que a minha mente me levasse, os caminhos conhecidos do reconforto tinham desaparecido, e nada *nunca* faria eu me sentir melhor com o fato de meu pai ter ido embora sem se despedir de mim.

Fiquei um tempão ali, sentada na popa do Laser, ciente de que mais um dia terminava aqui na Terra sem a presença dele. E de que, de alguma forma, eu tinha que lidar com a culpa horrorosa que sentia por ter posto a minha felicidade em primeiro lugar no momento em que minhas irmãs tanto tinham precisado de mim – e Pa também. Eu os havia decepcionado na hora mais importante de todas. Ergui os olhos para o céu, lágrimas escorrendo pelo rosto, e pedi perdão a Pa Salt.

Engoli um pouco d'água e me recostei na popa para deixar que a brisa cálida envolvesse o meu corpo. O balanço suave do barco me tranquilizou, como sempre acontecia, e cheguei a cochilar um pouco.

Tudo que temos é o momento presente, Ally. Nunca se esqueça disso, está bem?

Acordei pensando que aquela era uma das citações preferidas de Pa. E, muito embora ainda ficasse vermelha de vergonha ao imaginar o que devia

estar fazendo com Theo na hora em que Pa dava seu último suspiro – naquela contrastante justaposição dos processos da vida que começava e terminava –, pensei que pouco teria importado para ele ou para o Universo se eu estivesse apenas tomando uma xícara de chá ou dormindo a sono solto. E sabia que, mais do que ninguém, meu pai teria ficado muito feliz por eu ter encontrado alguém como Theo.

Voltei para Atlantis um pouco mais calma. No entanto, ainda havia uma informação que eu deixara de fora ao descrever para minhas irmãs como tinha encontrado o iate de Pa. Sabia que precisava compartilhar aquilo com alguém para tentar entender o que havia acontecido.

Como em todos os grupos grandes de irmãos, o nosso tinha vários sub-grupos: Maia e eu éramos as mais velhas, e foi a ela que decidi confidenciar o que vira.

Atraquei o Laser no deque e subi de volta até a casa; pelo menos o peso no meu peito estava menor do que ao sair. Marina, ofegante, me alcançou no gramado, e eu a cumprimentei com um sorriso desamparado.

– Ally, você saiu no Laser?

– Sim. Precisava de um tempo para esfriar a cabeça.

– Bom, você se desencontrou das outras. Elas foram para o lago.

– Todas?

– Menos Maia. Ela se trancou no pavilhão para trabalhar um pouco.

Trocamos um olhar e, embora eu pudesse ver quanto a morte de Pa também lhe pesava, amei Ma por sempre colocar nossas preocupações e anseios em primeiro lugar. Era óbvio que ela estava muito preocupada com Maia, sua preferida, como sempre fora o meu palpite.

– Eu estava mesmo indo falar com ela, então nós vamos fazer companhia uma para a outra – disse.

– Nesse caso, pode avisar a ela que Georg Hoffman vai chegar daqui a pouco? Ele quer falar comigo primeiro, não consigo imaginar por quê. Então ela precisa estar na casa daqui a uma hora. Você também, claro.

– Pode deixar – assenti.

Ma apertou minha mão com carinho e voltou a seguir para a casa principal.

Chegando ao pavilhão, bati de leve à porta, mas não obtive resposta. Como sabia que Maia sempre deixava a porta destrancada, entrei e chamei seu nome. Cheguei na sala de estar e vi minha irmã dormindo encolhida no sofá, com os traços perfeitos relaxados e os cabelos escuros lustrosos natu-

ralmente arrumados, como se estivesse posando para uma sessão de fotos. Quando cheguei perto, ela se sentou, assustada e encabulada.

– Desculpe, Maia. Você estava dormindo, né?

– Acho que sim – respondeu ela, corando.

– Ma disse que as outras saíram, então pensei em vir conversar. Você se importa?

– Claro que não.

Ficou claro que ela estava dormindo um sono profundo, e para lhe dar tempo de acordar sugeri que eu preparasse um chá para nós duas. Quando nos acomodamos com as xícaras fumegantes nas mãos, percebi que as minhas tremiam e eu precisava de algo mais forte do que chá para contar minha história.

– Tem um pouco de vinho branco na geladeira – disse Maia, compreensiva, e foi buscar uma taça de vinho na cozinha para mim.

Depois de tomar um gole, reuni as forças e contei-lhe sobre ter visto o iate de Kreeg Eszu perto do de Pa dois dias antes. Para minha surpresa, ela empalideceu, e embora eu tivesse ficado perturbada com a proximidade do *Olimpo*, sobretudo agora que sabia o que estava acontecendo no *Titã*, Maia pareceu bem mais chocada do que eu esperava. Vi-a tentar se recompor e, à medida que conversávamos, tentar minimizar a importância daquilo e me dar algum conforto.

– Ally, por favor, esqueça isso de o outro iate estar por perto... é irrelevante. Mas o fato de você estar lá para ver o lugar em que Pa escolheu ser enterrado na verdade é reconfortante. Quem sabe, como sugeri Tiggy ontem à noite, mais para o fim do verão possamos fazer um cruzeiro juntas e depositar uma coroa de flores na água.

– Mas o pior é que eu me sinto tão culpada! – falei de repente, sem conseguir mais me segurar.

– Por quê?

– Porque... porque aqueles poucos dias no iate foram tão lindos! Eu estava tão feliz, mais feliz do que jamais estive na vida. E a verdade é que eu não queria que ninguém me encontrasse, então desliguei o celular. E enquanto eu estava incomunicável, Pa estava morrendo! Bem, quando ele precisou de mim, eu não estava lá!

– Ally, Ally... – Maia veio se sentar ao meu lado e começou a afastar os cabelos do meu rosto enquanto me confortava com carinho. – Nenhuma de nós estava lá. E eu sinceramente acho que é assim que Pa queria que fosse.

Por favor, lembre que eu moro aqui, e até eu tinha voado para longe do ninho quando tudo aconteceu. Pelo que Ma falou, não havia nada mesmo a fazer. E a gente precisa acreditar nisso.

– É, eu sei. Mas parece que existem tantas coisas que eu queria perguntar para ele, contar para ele... e agora ele se foi.

– Acho que todas estamos nos sentindo assim. Mas pelo menos temos umas às outras.

– É verdade. Obrigada, Maia – respondi. – Não é incrível como nossas vidas podem virar de cabeça para baixo em questão de horas?

– É, sim, e em algum momento eu gostaria de saber o motivo dessa sua felicidade – disse ela com um sorriso.

Pensei em Theo e aproveitei o conforto que isso me proporcionou.

– Em algum momento eu conto a você, prometo, só não vai ser agora. Como você está, Maia? – perguntei, querendo mudar de assunto.

– Bem – respondeu ela. – Ainda em choque, como todo mundo.

– É claro que você está em choque, e não deve ter sido fácil contar para as outras. Sinto muito não ter estado aqui para ajudar.

– Bom, pelo menos o fato de você estar aqui agora significa que podemos encontrar Georg Hoffman e começar a tocar a vida para frente.

– Ah, esqueci que Ma nos pediu para subir até a casa em uma hora – falei, olhando para o relógio. – Georg vai chegar a qualquer momento, mas parece que ele quer conversar primeiro com ela. Então... – Suspirei. – Posso tomar mais uma taça de vinho enquanto a gente espera, por favor?